

Educação: Vale pagar por performance?

Nos últimos 15 anos muitos avanços foram feitos na educação no Brasil marcados pela queda expressiva de mais de um terço na taxa de analfabetismo, além do fato de que, em 2006, 97% das crianças de 7 a 14 freqüentavam a escola. Programas como o Bolsa Escola e outras iniciativas do poder público contribuíram bastante para esses avanços. O valor da educação para o desenvolvimento é um fato estabelecido nas comunidades, acadêmicas, empresariais e políticas, e é sempre reforçado por novos estudos como o recém publicado por Robert Barro, no qual ele estima que elevar a escolaridade da população em mais um ano de estudo formal implica um incremento na renda nacional de 5% a 12%. Com esse fato em mente, cabe a pergunta: quais os próximos passos em termos de política educacional para que o Brasil avance no nível de escolaridade de sua população?

Pensando na construção de uma agenda para a política educacional, Roland Fryer Jr., negro, ex-trafficante de maconha, ex-caixa do McDonald's e hoje, economista de Harvard desenvolveu uma metodologia para testar incentivos a fim de melhorar a performance de alunos nas escolas de quatro metrópoles nos EUA: Nova Iorque, Chicago, Washington e Dallas. A proposta de Fryer foi exatamente pagar os alunos diretamente para incentivá-los a performarem tarefas com excelência, tirar boas notas, ir a aula, ler livros.

A proposta é bastante controversa e encontrou bastante resistência da sociedade, tanto que o projeto começou em 2005 e os primeiros resultados só foram divulgados recentemente. Afinal, trata-se de pagar crianças. Professores reclamaram dizendo que se estava recompensando alunos por tarefas que eles tinham de fazer por vontade própria, psicólogos argumentaram que dinheiro poderia piorar a performance desabonando o estudo. Pais se preocuparam com o corpo mole que viria uma vez que os incentivos fossem retirados. Mas no fim das contas o Dr. Fryer conseguiu fazer seu experimento com 18 mil crianças gastando um total de 6,3 milhões de dólares. E a pergunta que fica é: Funciona?

Na cidade que Fryer esperava que o impacto fosse maior, o efeito foi zero. Em duas cidades os resultados foram interessantes. E na quarta cidade os resultados foram sensacionais, crianças que receberam dinheiro performaram significativamente melhor em provas padronizadas. Em termos estatísticos, foram melhor como se tivessem estudado três meses a mais.

Os experimentos desenhados foram os seguintes: em Nova Iorque as crianças do 4º. ano poderiam ganhar o máximo de 25 dólares por teste e as crianças do 7º. ano podiam alcançar 50 dólares. Em Chicago eles testaram um esquema onde a nota A renderia \$50, B \$35 e \$20 para C. Até o valor de \$2000 por ano por aluno, mas metade disso seria depositado numa conta que só seria acessível após a conclusão do ensino médio. Em Washington foi criada uma métrica com 5 critérios incluindo bom comportamento e freqüência, a pontuação perfeita nos 5 quesitos implicaria pagamento de \$100 a cada duas semanas. Por fim, em Dallas foi criado o seguinte programa para crianças do segundo ano: cada livro lido valia \$2 depois que a criança atingisse pontuação razoável em um pequeno teste no computador.

Os resultados foram os seguintes, dinheiro por pura performance em Nova Iorque não gerou nenhuma melhora dos alunos. Em Chicago as crianças que receberam por notas, aumentaram a freqüência e melhoraram as notas, mas não melhoraram nos testes padronizados. Em Washington, a remuneração rotineira por pequenas tarefas melhorou o aprendizado dos alunos. Já em Dallas, os resultados foram mais fortes: pagar alunos para ler livros aumentou em muito a performance deles nos testes padronizados. E eles continuaram a ir melhor nas provas, mesmo depois que as recompensas pararam. Em resumo, o estudo indica que pagar as crianças por tarefas

que elas sabem como fazer parece ser mais efetivo do que remunerá-las por resultados menos diretos como notas que dependem de outros fatores. Uma das lições de estudos como esse é de que existem métodos para elevar a escolaridade e a performance de nossos alunos. O que precisamos é de levar a sério o método científico e fazer experimentos para embasar nossas políticas públicas em fatos, não somente em teoria. Mãos a obra.

Igor Barenboim é Ph.D. em Economia por Harvard e Subsecretário Municipal de Administração